

## A IDENTIDADE DE UMA CRIANÇA NEGRA: os impactos do racismo estrutural na construção da identidade

### *THE IDENTITY OF A BLACK CHILD: the impacts of structural racism on the construction of identity*

Mariana Bandeira Bueno Franco<sup>1</sup>, Faculdade UMFG, [mariana.buenofran@gmail.com](mailto:mariana.buenofran@gmail.com)

Juliana Zanon Ferreira<sup>2</sup>, Faculdade UMFG, [julianazanon2015@gmail.com](mailto:julianazanon2015@gmail.com)

**Resumo:** O racismo é uma prática histórica presente na sociedade contemporânea. A prática estigmatiza o outro, com base em pré-conceitos generalizantes à respeito de características, sejam essas, físicas ou culturais. A violência contra um grupo étnico racial tem origem histórica, pois advém do período escravocrata brasileiro, onde se houve o discurso sobre a hierarquização de raças, usado como justificativa para a escravidão, apesar da abolição da atividade, o período deixou marcas culturais. Marcas essas que estruturam o sistema, atravessam instituições e influenciam na identidade dos indivíduos. A identidade segundo os autores trabalhados, é o produto do meio em que o indivíduo vive, partindo do ponto em que a sociedade brasileira é estruturalmente racista, tais características oferece impactos na identificação e no processo identitário. O presente trabalho foi baseado em uma pesquisa bibliográfica, utilizando obras como, livros e artigos relevantes, que trabalham questões raciais e seus impactos na vida de um indivíduo. Se faz necessário, a abordagem do tema no ambiente escolar, não como um conteúdo disciplinar tradicional, mas sim como uma atividade pautada na vivência. A ação não busca somente promover um ambiente saudável onde o indivíduo de um grupo étnico se sinta confortável, mas também o conhecimento, a valorização e a identificação pelos outros.

**Palavras-chave:** racismo estrutural; escola; instituições; crianças; identidade.

**Abstract:** Racism is a historical practice present in contemporary society. It stigmatizes others based on generalizing preconceptions about characteristics, whether physical or cultural. Violence against an ethnic group has historical origins, stemming from the Brazilian slave-owning period, where racial hierarchy was discussed and used as a justification for slavery. Despite the abolition of slavery, the period left cultural scars. These scars structure the system, permeate institutions, and influence individual identities. According to the authors, identity is a product of the environment in which an individual lives, starting from the fact that Brazilian society is structurally racist. Such characteristics impact identification and the identity process. This work was based on bibliographical research, using relevant books and articles that address racial issues and their impact on an individual's life. It is necessary to approach the topic in the school environment, not as a traditional disciplinary content, but rather as an activity based on experience. The initiative not only seeks to promote a healthy environment where individuals of a given ethnic group feel comfortable, but also to foster awareness, appreciation, and identification with them.

**Keywords:** structural racism; school; institutions; children; identity.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Antônio da Costa Ciampa(1984 apud Silva, 2009), o termo identidade diz respeito ao processo em que se constrói e internaliza características herdadas de seu meio. A identidade molda como o sujeito atribui valor a si mesmo, o sentido da sua existência, a interpretação de fenômenos sociais e seu posicionamento no mundo. Apesar das relações sociais serem um pilar para construção identitária, o homem apresenta um papel ativo, isso acontece a partir do momento em que o “eu” se diferencia do “outro” se assumindo como um sujeito singular.

A identidade é um importante processo em que o sujeito irá se compreender como um ser social, histórico e cultural. É através dessas concepções que o indivíduo passa a se ver como singular alterando sua percepção de si mesmo, através do seu autoconhecimento vem o sentimento de pertencimento há uma comunidade, sendo esse, essencial para a construção da autoestima

<sup>1</sup>Cursando Bacharelado em Psicologia

<sup>2</sup> Professora UMFG, Mestre em Psicologia (UEM)

É necessário entender que como produto do meio e de relações sociais, a identidade é moldada pela cultura. A cultura em que partilhamos no Brasil tem marcas do período escravocrata, cujas consequências são práticas racistas que estruturam a sociedade. Devido à herança racista, o sujeito negro é moldado por visões estigmatizantes, distorcendo sua percepção sobre si mesmo e influenciando a valorização pelos outros (Menezes, 2003).

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a pesquisa foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica. Segundo Sousa, Oliveira, Alves (2021) a pesquisa bibliográfica pode incluir referências como, artigos, livros e arquivos eletrônicos. As referências devem ser sistematizadas e buscadas a fim de contribuir para a pesquisa, exigindo que o autor selecione de forma criteriosa as obras, com o objetivo de enriquecer a análise sobre um assunto.

A pesquisa para este resumo foi feita baseada em livros, artigos e estudos em campo realizado por terceiros, que tratam de temas como: “identidade”, “racismo”, “educação”. Com este recorte, foram escolhidas obras atualizadas sobre o tema, que elucidam as pesquisas e estudos referenciados sobre o assunto. Como critério de seleção, as obras designadas foram selecionadas entre o ano 2001 a 2023, empregando como fonte plataformas como o Google Acadêmico e Scielo.

## 3 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

Segundo Vygotsky (1984 apud Menezes, 2003) a identidade é um processo dialético entre a cultura, o individual e o social. Como visto, a identidade de uma pessoa negra se molda a partir da internalização das práticas de um meio onde o racismo foi estruturante, porém como um processo dialético, a identidade se faz mutável, todavia as marcas emocionais causadas pela exclusão, permanecem.

Durante o período colonial, a escravização de um povo foi justificada devido à concepção de hierarquização de raças, a estratificação fez com que se atribuísse um valor superior ao povo branco e um valor inferior ao povo negro. Os valores atribuídos exclusivamente à etnia de um sujeito fizeram com que a sociedade atribuísse ao negro o símbolo de inferioridade. A partir desta perspectiva sua identidade foi construída através do processo de autonegação, com o objetivo de se afastar de tal simbolismo. Esse cenário favoreceu o processo de branqueamento, o qual sujeito marginalizado procura meios para se aproximar da branquitude (Ferreira; Camargo, 2001).

O contexto favoreceu a ideia de branqueamento, que foi historicamente visto como a solução para um povo considerado inferior se tornar parte da classe racialmente superior, este processo foi defendido não somente pelas concepções sociais, mas apoiado por discursos científicos predominantes século XX. Devido à valorização da miscigenação promovida por políticas públicas e discursos científicos, o mestiço passou a ser visto como uma raça superior, quando comparada à população negra. Com a exaltação da miscigenação, e a abolição da escravidão no Brasil, a sociedade passa ter uma falsa noção de democratização racial, onde diferentes grupos étnico-raciais vivem em harmonia, maquiando o preconceito enraizado (Santos, 2001).

Como produto do contexto histórico se tem a preservação do conflito racial e o preconceito estrutural. O sujeito branco é colocado como símbolo do homem ideal para uma sociedade bem-sucedida e racional, enquanto o sujeito negro do qual não se aproxima do padrão eurocêntrico, é o símbolo da inferioridade. Os símbolos ligados unicamente a características, são a justificativa que torna aceitável a marginalização de um povo que é visto pela classe dominante como ameaçador (Menezes, 2003).

A partir dessa lógica, nasce o preconceito disfarçado, onde o sujeito discriminado é visto como o culpado por se sentir marginalizado, portanto, o preconceito passa a ser visto como uma fantasia. Essa “fantasia” se internaliza no sujeito, moldando o processo de identificação, e a construção identitária. A identidade passa a ser formulada sob influência de uma sociedade que naturaliza o preconceito, o

indivíduo passa a se culpar pelo sentimento de exclusão, baseado em tal perspectiva, se torna árduo o processo em que o sujeito negro se reconheça e valorize qualidades encontradas em sua singularidade, essa dificuldade em identificação se dá devido a sua inserção em uma sociedade que é racista. O preconceito silencioso, se perpetua atualmente como uma herança da cultura brasileira, devido ao mecanismo de negação do racismo, gerando a crença que as práticas racistas só estão presentes quando apresentadas em forma de ofensa, tal atividade é ligada ao "outro", ou seja, uma prática individual. Devido a essa concepção, o racismo deixa de estar ligado a práticas coletivas e passa a ser atribuído a casos isolados e intencionais. (Ferreira; Camargo, 2001)

Segundo Gordon Allport (1954, apud Silva et al., 2021) o racismo é a prática de hostilizar o outro baseado em crenças generalizantes que o outro possui características negativas, a prática não possui razões concretas, mas sim um pré-conceito de algo que já foi interiorizado. O preconceito não se limita somente ao indivíduo, mas influencia grupos, ou seja, ele permeia a maneira que instituições iram lidar com a existências de grupos minoritários.

O grupo está presente na vida de um indivíduo desde sua infância. Onde a comunidade assume o papel importante na construção identitária, isso porque através da identificação que o sujeito tem com o grupo se gera o sentimento de pertencimento. O grupo é compreendido como um agrupamento, baseado em características da identidade que compartilham, devido a essa identificação dos membros é gerado os sentimentos de valorização e desenvolvido a percepção de si. A comunidade tem como benefício a autoimagem positiva, que será um pilar na construção da autoestima infantil (Silva; Rosenberg, 2008 apud Santos, 2001).

A identificação positiva para uma criança negra a qual se identifica com um grupo étnico-racial minoritário é mais complexa, isso porque tais grupos carregam com si estereótipos, e estigmas negativos, já interiorizados. Em um estudo realizado por Silva e Rosenberg (2008 apud Santos, 2001) mostra que indivíduos pertencentes a esse grupo são representados frequentemente em peças teatrais com características depreciativas, ou figuras subalternas a personagens brancos como, empregados, ou são retratados como personagens agressivos, que são associados a "malvestidos", "feios".

Como já mencionado o racismo perpassa instituições como a família e a escola. A família é uma das instituições mais importantes para o sujeito, pois é o primeiro contato que a criança tem com outros indivíduos, é o primeiro estágio para a construção de uma identidade, nesse contexto a criança é protegida do sofrimento racial. No entanto, é importante salientar que essa instituição está situada em uma sociedade estruturalmente racista, portanto a dinâmica familiar pode reproduzir estigmas e valores discriminatórios. A internalização da crença de inferioridade baseado em um fenótipo o qual é marginalizado se intensifica na escola, pois é quando o sujeito se enxerga diferente, como o "outro", o sujeito que é alvo da exclusão e internaliza a visão de inferioridade baseando-se nos padrões eurocêntricos que são valorizados (Menezes, 2003)

A escola como uma instituição estatal, é usada como instrumento governamental, sendo responsável não somente por repassar o conteúdo teórico, mas ensinar as regras morais, esperadas que a criança internalize. O processo educacional é realizado se baseando em um sistema de interesse, o que é trabalhado são conteúdos que moldam o sujeito para que se adeque ao padrão esperado socialmente, para que futuramente seja um adulto no qual respeite regras impostas. A instituição educacional, portanto, passa a ser um transmissor não somente de conteúdo teórico, mas um reproduzidor de práticas estruturais (Santos, 2021).

Atualmente o cenário vem sendo modificado lentamente, devido a normas como Lei nº 10.639/2003, que tornam obrigatório a inclusão de temáticas como: a história e a cultura afro-brasileira, nos currículos escolares. Devido a esses temas trabalhados, vem sendo criado um espaço no qual a criança passa a ter conhecimento sobre sua identidade, onde pode compartilhar sua experiência e conhecer sua história, além de gerar um processo de valorização da sua história pelos demais (Fernandes; Bijagó, 2020).

É visto, em um estudo de Fernandes, Bijagó(2020) que apesar de leis que colocam como obrigatório o trabalho com temáticas raciais, na prática os temas não se fazem presente no cotidiano, sendo trabalhados de forma superficial. As temáticas raciais por muitas vezes somente são trabalhadas em dias como o da Consciência Negra, os restantes dos dias do ano letivo são destinados para trabalhar a base das matérias que futuramente entraram no seu currículo. A superficialidade dos temas, gera a desvalorização da criança negra e dos demais com a história, favorecendo a ideia de que a cultura ligada ao negro é irrelevante. Os temas raciais são necessários serem trabalhos corriqueiramente, isso permite que o aluno ao compartilhar e ouvir experiências de terceiros se identifique, e desenvolva um pensamento crítico, ligando o sentimento de angústia, tristeza, não pertencimento as práticas racistas que o cerca.

Um estudo de Fernandes, Bijagó(2020) realizado em uma escola, quando observado e analisado desenhos pautados na temática de identificação, é visto a dificuldade com o autorreconhecimento. Quando solicitadas a fazer um desenho autorepresentativo, a maioria das crianças negras se desenhavam usando lápis de cor, salmão, rosa, amarelo, e muitas vezes se referem a cor salmão como “cor de pele”. Durante a entrevista as crianças expuseram a insatisfação com sua cor de pele, com seu cabelo, com seus traços, e os associam à animais, relataram ainda que já fizeram algum procedimento pra mudar algum aspecto de sua aparência. O estudo evidencia os impactos do preconceito estrutural na construção da identidade, deixando evidente que o processo de branqueamento ainda persiste, pois mesmo o sujeito enquanto criança sente a necessidade de se desvincular de sua negritude com o objetivo de se aproximar da branquitude.

A exclusão social ocorre devido aos fenótipos ligados a pessoas negras e a internalização dos estigmas faz com que o sujeito passe a se enxergar como detentor de características depreciativas. Como o preconceito racial é ligado a fenótipos de pessoas negras, logo se pensa em uma solução, não para o preconceito, mas para a promoção do sentimento de pertencimento a uma classe “bonita”, a solução se dá através da dissolução de traços marcantes da sua negritude. (Menezes, 2003)

É um equívoco pensar que mudando a escola, isoladamente, o preconceito enraizado na sociedade desapareceria, isso porque a escola é somente mais uma instituição que reflete as normas de uma classe dominante. Porém é necessário reconhecer o papel importante da escola, é imprescindível que haja uma mudança no sistema escolar, sendo essencial que o docente, que assume o papel de mediador do conhecimento, exponha temas como identidade, de forma contextualizada, utilizando diversos outros elementos importantes, como a imaginação, a cultura, a sociabilidade, a troca de experiências. Tais aspectos garantem que o assunto a ser trabalhado não será algo folclórico, algo distante da criança, mas que se adeque à sua realidade (Furlan; Silva, 2023)

Dessa forma é de extrema importância que sejam inseridos no currículo escolar propostas que promovam a construção da sua identidade, pois mesmo o sujeito na fase infantil, ele é capaz de refletir sobre si, sobre o outro e reproduzir a cultura em que está inserido. É necessário portanto que a formação dos docentes inclua desenvolver metodologias que tenham como objetivo a valorização da história do sujeito, procurando ir além de uma metodologia que preza somente pelo teórico, é claro que o material teórico é extremamente importante, porém nessa fase é fundamental que a teoria seja contextualizada, baseada realidade em que o sujeito vive. As atividades adaptadas não favorecem somente criança pertencente à um grupo minoritário, mas também é importante para a promoção da valorização e o respeito a diversidade por terceiros (Fernandes; Bijagó, 2020).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que a formação da identidade de uma criança negra é atravessada por diversos fatores racistas, que são excludentes e taxatórios. Características essas legadas de um período em que o branco se colocava como superior. Em uma sociedade onde o sujeito é visto como inferior, devido a características ligadas a seu fenótipo, o processo identitário se vira para uma negação, negação de



pertencimento de uma raça considerada pelo “outro” como inferior, assim necessitando de estratégias embranquecedoras, que o afasta do seu fenótipo.

Como mencionado o racismo estrutural atravessa diversas esferas, como a escolar. Apesar da escola obedecer a um sistema de interesses, é necessário reconhecer a importância da mesma na formação da identidade infantil, e a constituição do pensamento crítico. É necessário a mudança na metodologia pedagógica, para que a sala não seja só um espaço onde seja compartilhado somente o conteúdo tradicional, mas também um ambiente em que de importância a vivência, articulando a vivência de uma criança negra ao conteúdo sobre a sua história, ou seja, dando ferramentas para que a criança atribua um sentido. Essa articulação entre os dois campos tem como objetivo a valorização, não somente do indivíduo negro sobre sua história, mas também a valorização por parte dos demais

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, Andressa Laís Moreira; BIJAGÓ, Vagner Gomes. Racismo estrutural na educação infantil: experiência em uma creche no município de Paulo Afonso-BA. *Revista de Ciências Humanas Caeté*, Delmiro Gouveia, v. 2, n. 3, p. 55–74, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistadecienciashumanascaete/article/view/11591>. Acesso em: 25 maio 2025.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. A naturalização do preconceito na formação da identidade do afro-descendente. *EccoS – Revista Científica*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 75–92, jun. 2001.

MENEZES, Waléria. O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 19, n. 1, p. 83–96, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1311>. Acesso em: 24 maio 2025.

SANTOS, Joana. Intervenção em socialização étnica: efeitos sobre a identidade e autoestima individual e grupal de crianças negras. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Cristóvão, 2021.

SILVA, Alex Sander da; FURLAN, Marta Regina. Infâncias, experiências e os sentidos de ser criança negra na educação infantil. *Zero-a-Seis*, Florianópolis, v. 25, n. 47, p. 92–111, jan./jun. 2023. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2023.e90944>. Acesso em: 24 maio 2025.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 28, p. 169–195, jan./jun. 2009. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752009000100010](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010). Acesso em: 25 maio 2025.

SILVA, Jefferson Andrade; COSTA, Rita de Cássia da Silva; NUNES, Aline Lima; FRANÇA, Dalila Xavier de. O efeito da cor de pele na construção da identidade racial em crianças. *Quaderns de Psicologia*, Barcelona, v. 23, n. 3, e1777, 2021. ISSN 0211-3481. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1777>. Acesso em: 18 maio 2025.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário Alves. A Pesquisa Bibliográfica: Princípios E Fundamentos. *Cadernos da Fucamp*, v.20, n.43, p.64-83/2021.